

O mundo visto do exílio: uma leitura da correspondência de Fernando Lemos e Jorge de Sena

Claudia Atanazio Valentim

1 - O corpus da pesquisa: as cartas

Tu és a história que narraste, não
O simples narrador
Carlos Drummond de Andrade¹

Antes de começarmos a discorrer sobre o tema proposto, pedimos licença ao poeta Carlos Drummond de Andrade para pôr no plural os versos que escolhemos como epígrafe: "Vós sois a história que narrastes, não/ os simples narradores." Sendo a correspondência que focalizamos trocada entre dois homens dos mais conscientes do seu papel na pátria, mesmo quando fora dela, seria uma injustiça mantermos o singular em versos que lhes caem tão bem.

Na proposta apresentada à Comissão do Colóquio Relações Luso-Brasileiras, enlances e desenlaces, expusemos nosso intuito: apresentar algumas das impressões de leitura das cartas trocadas entre Jorge de Sena e Fernando Lemos. Este material, que se encontra em processo de transcrição, é todo ele composto por manuscritos e autógrafos, gentilmente cedido por este último e pela viúva do poeta, Mécia de Sena, e faz parte de uma pesquisa de doutorado em desenvolvimento na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Procuramos estruturar este trabalho atentando para certas marcas inerentes às cartas, já sublinhadas por Andréa Rocha em *A epistolografia em Portugal*. Apenas para orientarmos a leitura, selecionamos algumas delas. As primeiras dizem respeito ao local de onde se origina a mensagem e à data em que é escrita. Pouquíssimas são as correspondências sem o dia, o mês e o ano definidos, o que nos facilita situar no

¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. "Camões: História, Coração, Linguagem"

tempo e no espaço a feitura e o conteúdo da mensagem. O maior volume de correspondência, como era de se esperar, se dá quando do afastamento dos amigos, uma vez que o convívio se torna impossível. São Paulo, Rio de Janeiro, Lisboa, Porto, Madison, Santa Barbara são alguns dos locais de onde partem as cartas. Mais que um levantamento de "portos" de passagem e de épocas de suas vidas, tais cidades e datas revelam uma certa "errância" pelo mundo causada pelo exílio. Não é uma mera aventura geográfica; antes é uma necessidade de sobreviver num mundo de adversidades.

As cartas arroladas no corpus cobrem um período de quase três décadas que se inicia em 02 de agosto de 1953 - quando Fernando Lemos envia a Sena um bilhete postal do Funchal, durante a viagem que o trouxe ao Brasil -, e finda em 29 de setembro de 1981, com uma carta escrita já por Mécia de Sena, de Santa Bárbara, Califórnia, informando acerca de seu novo trabalho: a organização de dossiers de correspondência de seu marido, falecido em 1978.

Embora as cartas em estudo tenham sido trocadas entre Jorge de Sena e Fernando Lemos, outros destinatários aparecem ao longo dessas quase três décadas de convivência epistolar: Mécia de Sena, esposa daquele, e Adolfo Casais Monteiro, amigo de ambos. Este diálogo estabelecido a princípio entre os dois, desdobra-se numa polifonia e revela ao leitor a relação de afeto e respeito existente entre eles, num círculo de amizade permeado pela angústia do exílio, pelas incertezas sobre a pátria, pelos desgostos pessoais e pelas boas surpresas da vida.

O segredo é um dado intimamente ligado às cartas. Imaginamos sempre que seguem em envelopes selados e lacrados, resguardando assim o sigilo dos conteúdos, de quem escreve e para quem lê.

Entre esses dois amigos - Sena e Lemos - há uma relação estreitíssima de amizade e cumplicidade. Em determinado momento, acontece um intercâmbio epistolar, onde as cartas se complementam: esclarecimentos a certos fatos da carta do Fernando Lemos estão contidos numa outra mandada a Adolfo Casais Monteiro; Mécia de Sena, preocupada com o Casais, redige uma carta a ele e ao Lemos. Isto apenas vem reforçar o que expusemos acima: os laços de amizade que os unem.

Na correspondência Sena/Lemos desfrutamos da "ilusão" do convívio com artistas que admiramos: descobrimos dados biográficos e históricos pessoais; conhecemos países que visitaram, acompanhamos seu crescimento pessoal e o buriar das qualidades artísticas; sofremos com os desvarios da política totalitária que os obriga a deixar sua terra natal; partilhamos das angústias do rumo da ditadura e das alegrias que explodem quando chega a tão sonhada revolução; vemos o nascer uma obra de arte - um poema, uma tela, uma fotografia.

De todos estes aspectos da correspondência apontados aqui e ali até agora - a amizade, a vida privada, as escolhas profissionais, as convivências sociais - elegemos um para ser o nosso eixo temático de leitura por ora: o exílio.

Se, no momento solar de Portugal, as cartas que partiam de terras longínquas traziam narrativas dos viajantes dos novos mundos, ora maravilhados com o outro, ora amedrontados com o que descobriam, agora a distância perde esta aura paradisíaca e a ela é atribuído um caráter melancólico: ser *persona non grata* em sua própria pátria.

2 - Os correspondentes e o exílio

És a linguagem. Dor particular
deixa de existir para fazer-se
dor de todos os homens
Carlos Drummond de Andrade²

Antes de considerarmos o exílio expresso nas cartas estudadas, impõe-se uma pequena notícia biográfica sobre os dois autores em questão. Fernando Lemos nasceu em Lisboa a 3 de maio de 1926, no mesmo ano que emergia o Estado Novo em Portugal.

Dedicou-se às artes gráficas, à decoração e à publicidade. "Interessado pela actividade surrealista, participou, em 1952, na exposição realizada na Casa Jalco, que fez escândalo, e onde a sua pintura e as suas fotografias se impuseram por uma profundidade original da visão." (SENA, 1983, p. 279). Além do trabalho desenvolvido como artista plástico, revela-se como poeta, aderindo ao grupo dos surrealistas portugueses. Recorremos a Jorge de Sena e aos seus juízos críticos sobre esta outra actividade de Lemos: "Esses poemas trouxeram ao surrealismo um tom de decidida e vigorosa aceitação da vida, sem o desespero ou o sarcasmo negro que tem caracterizado algumas expressões desse movimento." (SENA, 1983, p. 279). Lemos chega ao Brasil em 1953. A princípio, mora no Rio de Janeiro onde trabalha como artista plástico. Segue em 1954 para São Paulo, por conta de algumas exposições e acaba por fixar residência nesta cidade, onde ainda vive.

Jorge de Sena, também nasce em Lisboa, a 2 de novembro de 1919. "Engenheiro civil, professor universitário no sector de humanidades, escritor, primeiro de domingo, e depois em tempo quase inteiro" (LISBOA, 1984, p. 35). Em "Breve perfil

² ANDRADE, Carlos Drummond de. "Camões: História, Corações, Linguagem"

de Jorge de Sena" (LISBOA, 1984, p. 29-42), Eugénio Lisboa salienta duas características deste poeta: "foi, sobretudo e honradamente, duas coisas: um homem ocupado e um homem preocupado. Ocupado - com o seu pensamento e com o seu trabalho. Preocupado - até a obsessão, com o destino do seu país" (LISBOA, p. 35) É sobretudo deste homem "preocupado" que trataremos a seguir.

Para conhecermos a trajetória destes dois portugueses pelo mundo, comecemos pelo fim: em 29 de setembro de 81, Mécia de Sena comunica-se com Fernando Lemos pedindo-lhe que separasse as cartas que Jorge de Sena lhe teria enviado. E justificava:

Estou a organizar dossiers de correspondência do Jorge. Não serão muitas as cartas que lhe terá escrito, mas importar-se-ia de me mandar as que, porventura tivesse manuscritas, bem como a lista e data das datilografadas para eu conferir com as cópias que tenho?³

É a partir deste pedido, feito há vinte anos, por esta que, incansavelmente, cuida do espólio deixado por seu marido, que a correspondência Sena/Lemos começa a ser ordenada. Seleccionamos, para que não se torne um enfadonho enumerar de citações, algumas passagens das cartas, esperando com isso traçar um panorama das idéias e dos sentimentos que nelas encontramos.

Nas primeiras epístolas trocadas entre eles, Fernando Lemos, entre outras coisas, narra suas estratégias de fixação na nova terra, a busca por trabalhos que lhe fossem mais rentáveis e garantissem sua sobrevivência no Brasil. Conhecemos também as pessoas com as quais ele passa a conviver: Manuel Bandeira, Sérgio Milliet, Vinícius de Moraes, entre outros. Há também uma preocupação em arranjar colaborações em jornais para o amigo que ficara em Portugal. Sena, por sua vez, dá notícias da pátria ao amigo, mantendo-o informado sobre os desmandos da ditadura salazarista.

Em 21 de novembro de 1954, numa carta remetida a Fernando Lemos, Jorge de Sena manda um recado a Adolfo Casais Monteiro, a essa altura, também no Brasil:

Outra coisa: diga ao Casais que, a propósito de "exílio", exilado está quem vive aqui e tem consciência. Os exílios de hoje são ao contrário dos do passado. Até nisso viraram do avesso estes farroupilhas.⁴

Respondendo à carta acima, Fernando Lemos transcreve um poema que ele teria feito quando do encontro do Vera Cruz e do Santa Maria no cais da Praça Mauá, no Rio de Janeiro.

³ De Mécia de Sena para Fernando Lemos. Santa Bárbara, 29/9/81.

⁴ De Jorge de Sena a Fernando Lemos. Lisboa, 21/11/1954.

Que me importam as entradas e saídas dos barcos?
 Que partam, eu fico. Que cheguem, eu já cá estou, indiferente.
 O mundo começa. Os relógios têm seus caprichos
 O sol entra numa oficina, rolando a ganhar os dias.
 Eu fico. Que me importam os barcos!...⁵

Dessas duas passagens epistolares depreendemos a dimensão do exílio para cada um dos dois: Sena, ainda em Portugal, conhece uma das facetas mais cruéis do exílio - o exílio interior -, "separação do grupo ou comunidade sem afastamento físico" (ANDRÉ, 1992, p.39). É o entendimento que proporciona a ele a sensação de isolamento; sabe-se diferente. Enquanto isto, deste lado do Atlântico, Fernando Lemos experimenta a dolorosa "opção": apesar das saudades, é o exercício da liberdade que o mantém no Brasil, num afastamento geográfico da sua pátria-mãe. Enveredando por questionamentos acerca da tríade Portugal/o ideal de pátria/Brasil, ainda na mesma carta, o artista plástico reafirma a sua escolha, ainda que penosa. Ficar não é um ato de "abandonar o barco"; antes, ficar é aprender:

Será esta a minha segunda pátria? Será mesmo que tive a primeira? Não será o Brasil o Portugal moderno? Talvez não tenha sido impunemente que nós descobrimos isto, para nos alargarmos, mais em idéias que em território. Analisando desde a língua até à paisagem, e acrescentando um certo calor a tudo isto, temos Portugal explicadinho. Até o facto de estar bem longe é uma boa vantagem, parece-me. E para que estou eu a explicar agora ao Sena o que é o Brasil? Queria apenas fazer-me notar as razões porque acho que devo ficar. E ficar, não quer dizer que seja abandonar o umbigo, assim às gaivotas.

O Sena diz que se eu voltar agora, que tenho uma vaga sensação que não saí daí. Isso só poderá acontecer pela ausência de ondas nessa lagoa; porque pelas andanças e correrias que me foram dadas fazer aqui, eu terei para o resto da minha vida, a sensação de que saí de algum lugar mesmo.

Um dos fantasmas dos governos ditatoriais, o cerceamento das liberdades individuais e a perseguição ideológica, se faz presente. Escrevendo para o amigo, Fernando Lemos surpreende-se com um livro, do Conde da Aurora de Lima, cujo formato se aproximava de um relatório da polícia secreta.

Encontramos ontem um livro do Conde da Aurora, chamado "Brasil, ida e volta". Não sei se o Sena já tomou conhecimento desse salafrário. Trata-se, nada mais nada menos de uma reportagem feita por esse idiota, durante, - aliás antes e depois -

⁵ De Fernando Lemos para Jorge de Sena. São Paulo, 30/11/54

o congresso de escritores realizado aqui. Relatório de polícia da PIDE, denunciando tudo o que as pessoas disseram umas às outras, os lugares etc, como se na verdade pudesse interessar à PIDE, a liberdade que os brasileiros gozam no Brasil. É um documento muito interessante e valioso, sobretudo no que pode mostrar a esta gente a imbecilidade reinante nessa terra azulada. Quando um sujeito destes vem para a rua ralar, todo o estado novo (sic) deve pôr as mãos na cabeça no maior dos sustos, pela certa. Depois de ironizar sobre a imprensa brasileira, dizendo que é anti-Salazarista ou apenas americana pelo espírito de contrariar tudo o que o parceiro diz ele esquece ou nem se lembrou que, o estilo de todo o seu livro, é o dos piores cronistas sociais do baixíssimo jornalismo. Pobre diabo o conde!⁶

A correspondência arrolada pode ser dividida em três partes: num primeiro momento Fernando Lemos já está exilado e Jorge de Sena ainda se encontra em Portugal. São desta fase os trechos das cartas que citamos acima. Nelas as angústias de quem fica, vendo a pátria perder-se, e o desespero de quem partiu, tomado pelas saudades e lutando, não com as palavras, mas com pincéis e crayons, para se estabelecer no exterior, são latentes.

Segue-se a esta, a fase em que os dois estão no Brasil. As cartas escasseiam. Porém, não podemos deixar de transcrever um pequeno trecho da carta que Fernando Lemos dirige ao Sena quando fica sabendo da sua vinda ao (para) Brasil: "Recebi a sua carta. Fiquei contente de saber que virá ao Brasil (nesta hora já está, é claro), embora coloquiando, o que deve ser uma grande estopada."⁷

Porém, partir de Portugal foi uma decisão difícil. É fato que o poeta corria riscos, dado seu envolvimento com movimentos anti-salazaristas, e, neste momento, ele teria de vir sozinho. Para que suspeitas não fossem levantadas, a família deveria ficar. É neste momento que Jorge de Sena faz um de seus mais belos poemas, "Carta a meus filhos sobre os fuzilamentos de Goya", onde, nos conselhos dados a seus filhos, transforma uma dor particular na dor de todos os homens que se encontravam em situação similar a dele, numa espécie de manifesto pró-liberdade.

Não sei, meus filhos, que mundo será o vosso.
É possível, porque tudo é possível, que ele seja
aquele que eu desejo para vós. Um simples mundo,
onde tudo tenha apenas a dificuldade que advém
de nada haver que não seja simples e natural.
Um mundo em que tudo seja permitido,

⁶ de Fernando Lemos para Jorge de Sena. São Paulo, 27 de julho de 1955.

⁷ De Fernando Lemos para Jorge de Sena. São Paulo, 8 de agosto de 1959.

Conforme o vosso gosto, o vosso anseio, o vosso prazer,

O vosso respeito pe1los outros, o respeito dos outros por vós. (SENA, 1988, 121-124)

Durante o período em que viveu no Brasil, Jorge de Sena conhece a liberdade de escrever sem temer represálias; falar sem sofrer perseguições políticas. A sua produção literária e ensaística conhece uma fase de grandes realizações. Porém, com o Golpe Militar de 1964, passa a recear sobre o seu destino e o da sua família. Negando-se a viver um novo exílio, já numa pátria de exílio, decide então partir para os Estados Unidos.

Após a partida do poeta, em 1965, inicia-se a fase final da correspondência: Fernando Lemos no Brasil e Jorge de Sena no seu segundo exílio, primeiro em Madison, e depois em Santa Bárbara. Numa carta enviada em 1970, este faz um comentário acerca da sua visita a Portugal.

Afinal, eu sou e serei sempre um "outsider" que não entrou nunca na roda literária, como não entrou na universitária... Quando estive em Lisboa, os jornais e os meus colegas universitários ou de licenciatura de letras, todos fizeram questão em tratar-me por "engenheiro" ... - já vês... ao fim de dez anos de não o ser.⁸

É freqüente a constatação de não pertencer a lugar algum, traduzida não só num exílio "voluntário", mas ainda no estranhamento que sua formação provoca - é um engenheiro que leciona no curso de Letras ou é poeta-professor-universitário que um dia projetou estradas.

Mas é durante o "segundo exílio" que acontece a tão sonhada revolução. Euforicamente, Fernando Lemos escreve-lhe:

É verdade mesmo. E agora?

Nobre povo, nação valente!

Infelizmente não posso ir lá tão depressa. Estou, além do mais, num cansaço interior muito estranho. A gente, de repente, ter de acreditar de novo na nossa gente!⁹

Jorge de Sena, responde a este momento festivo com vários poemas. Mas seu espírito arguto o faz ultrapassar a alegria imediata para logo preocupar-se com o depois.

Nunca pensei viver para ver isto:
a liberdade - (e as promessas de liberdade)
restauradas. Não, na verdade, eu não pensava

⁸ De Jorge de Sena para Fernando Lemos. Santa Bárbara, 15 de novembro de 1970.

- no negro desespero sem esperança viva -
 que isso acontecesse realmente. Aconteceu.
 E agora, meu general?
 Tantos morreram de opressão ou de amargura,
 Tantos se exilaram ou foram exilados,
 Tantos viveram um dia-a-dia cínico e magoado,
 Tantos se calaram, tantos deixaram de escrever,
 Tantos desaprenderam que a liberdade existe -
 E agora, povo português?
 (Sena, 1989, p. 159)

Efetivamente, ao cabo de pouco mais de um ano, o que era esperança transforma-se em desconfiança: "E agora, será que a revolução fará daquilo um novo país em vez de um novo Portugal? Seria melhor, porque a idéia de Portugal atrapalha."¹⁰

Jorge de Sena adocece. Sua esposa acredita que o mal que o atingiu está também relacionado ao que vira quando da sua última viagem a Portugal.

É claro que muitas coisas contribuíram. A situação em Portugal foi, é evidente, um facto primordial. Posso mesmo dizer que esta crise começou logo depois que estive em Portugal no Verão de 74. Quando ele chegou tendo, contra todos os costumes, encurtado a visita, apanhei um susto, tão abatido e deprimido o achei. Creio que mesmo por isso ele nunca lhe respondeu às suas cartas: é que o que ele vira e ouvira, não corroborava em nada a sua esperança, pelo contrário, ele regressava desesperado e convencido que o país ia para o suicídio ao som do vira.¹¹

A "Revolução dos Cravos", que se traduziu para os exilados na esperança de retorno à terra natal e na transformação desta no espaço sonhado durante os anos de ditadura, não tomou os rumos desejados. Novas decepções, novos desgastes emocionais.

Em 1978, Jorge de Sena falece. Na penúltima carta do nosso corpus de trabalho, numa resposta à carta de Fernando Lemos, Mécia revela o que para um leitor desavisado poderia parecer incongruente: todos os improperios dirigidos à pátria não eram senão um grito de amor.

Para dizer a verdade, o Jorge já regressara totalmente desiludido em Setembro de 74, mas teimosamente continuava a pensar que ainda era tempo, que o bom-senso acabaria por vencer. Por fim era já com desespero que pensava naquela terra que ele não conseguia deixar de estimar, comovendo-se até as lágrimas de cada vez

⁹ De Fernando Lemos para Jorge de Sena. São Paulo, 3 de maio de 1974.

¹⁰ De Fernando Lemos para Jorge de Sena. São Paulo, 26 de junho de 1975.

¹¹ De Mécia de Sena para Fernando Lemos. Santa Bárbara, 10 de maio de 1976.

que chegava, para começar a enojar-se no dia seguinte.¹²

A leitura das cartas nos proporciona, a cada original lido e ordenado, um conhecimento mais íntimo destes artistas portugueses. O acesso a textos tão particulares, onde não há motivos para expor ou omitir pensamentos, ideologias, esperanças, atos, conceitos, permite vê-los não como os nomes que encontramos nas lombadas dos livros, mas como homens mais próximos, que sofrem e que se emocionam com a vida.

As confissões feitas ao longo da correspondência descortinam as preocupações do dia-a-dia, agravadas, neste caso, pelo exílio. Em muitas cartas, a família, o relacionamento com os pais que ficaram distantes, o casamento que começa ou que termina são os temas predominantes. Acompanhamos os trabalhos desenvolvidos, as teorizações sobre as (suas) artes, o reconhecimento que chega, transformando as cartas numa espécie de diário de produção do artista.

Porém, "Mais do que fé, amor, morte, arte, idéia, ou qualquer outro termo de sentido universal, é Portugal a palavra que mais vezes surge à pena dos epistológrafos" (ROCHA, 1985, p. 390). Ser português e viver à margem de Portugal é o que mais entristece nossos artistas em questão. Para isso, escrevem. Transformam a dor particular em dor de todos os homens. E assim, "se vão da lei da Morte libertando".

Bibliografia

- ANDRÉ, Carlos Ascenso. *Mal de ausência: o canto do exílio na lírica do Humanismo Português*. Coimbra: Minerva, 1992.
- COGGIOLA, Osvaldo. *Espanha e Portugal - o fim das ditaduras*. São Paulo: Xamã, 1995.
- LEMOES, Fernando. *Cá & lá*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- LISBOA, Eugénio (org.). *Estudos sobre Jorge de Sena*. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1984.
- ROCHA, André. *A epistolografia em Portugal*. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- SENA, Jorge de. *Líricas portuguesas*. Lisboa: Edições 70, 1983. II volume.
- _____. *Poesia II*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- _____. *40 anos de servidão*. Lisboa: Edições 70, 1989.

¹²De Mécia de Sena para Fernando Lemos. Santa Bárbara, 28 de setembro de 1978.